

**PARA ALÉM DA WELTLITERATUR:
A FILOLOGIA INCLUSIVA DE OTTMAR ETTÉ**

Beyond the Weltliteratur: the inclusive philology of Ottmar Ette

ZAMA CAIXETA NASCENTES¹ 

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

E-mail: zcaixeta@utfpr.edu.br

EDITOR-CHEFE:

Rachel Esteves Lima

EDITOR EXECUTIVO:

Anderson Bastos Martins
Victor Coutinho Lage

SUBMETIDO: 17.06.2023

ACEITO: 21.09.2023

COMO CITAR:

NASCENTES, Zama
Caixeta. Para além da
Weltliteratur:
a filologia inclusiva de
Ottmar Ette. *Revista Brasileira
de Literatura Comparada*,
v. 25, n. 49, p. 189-193, mai./
ago., 2023. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20232549zcs>

Conhecido pelos leitores brasileiros por *SaberSobreViver* (Editora da UFPR, 2015), *EscreverEntreMundos* (Editora da UFPR, 2018) e *O caso Jauss* (Editora e Livraria Caminhos, 2019), o romanista alemão Ottmar Ette dá-se a conhecer agora por *Fractais do mundo*. Os 13 capítulos, reunidos em um único volume no original alemão, foram divididos pelos tradutores em dois: o primeiro, *Teorias e vetores*, lançado em maio de 2022, e o segundo, *Arquipélagos e espaços temporais*, em fevereiro de 2023. Nas duas datas, o autor esteve presente: na primeira, de forma remota, e, na segunda, de modo presencial. O lançamento ocorreu em Porto Alegre como parte das atividades do encontro do Grupo de Pesquisa “Cosmos Littera”, do qual o autor e os tradutores são membros.

“Para além da *Weltliteratur*” nomeia o Prefácio do autor à edição alemã de 2016. Estaria nesse título a unidade do livro? Arriscado afirmá-lo, se se consideram os plurais do título (“fractais”) e do subtítulo (“caminhos”, “literaturas”), todos a implodirem o uno e a sancionarem o diverso. Assegurado sustentá-lo, se se miram, no mesmo Prefácio, vocábulos no singular, como “neste ponto reside a questão central deste volume” (Ette, 2022, p. 13): há um “ponto”, existe uma “questão central”. Ainda, o Prefácio registra: “O presente livro é formado por textos cujas primeiras versões foram apresentadas em palestras nos últimos três a quatro anos nas cidades de (...). Desde o início, os textos foram pensados em conjunto para compor um único livro” (Ette, 2022, p. 15). Eis aí o uno (“conjunto”, “único livro”), advindo de um autor-demiurgo (“foram pensados”), a reunir em um livro em Potsdam as várias palestras em diversas cidades dadas.

* Resenha de: ETTÉ, Ottmar. *Fractais do mundo*: Caminhos pelas Literaturas do Mundo. Trad. Gerson Roberto Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt. Porto Alegre: Class, 2022/2023. [2 volumes].

Globalização e literatura articulam-se em *Fractais*:

É importante ter em mente que na primeira fase da globalização acelerada, três línguas europeias – português, espanhol e latim – foram globalizadas pelo movimento de expansão ibérico para a América, mas também para as regiões africanas e asiáticas. Na segunda (...), são acrescentadas as línguas das principais potências deste segundo impulso de expansão, consequentemente o francês e o inglês. Enquanto na terceira (...) que, pela primeira vez, apresenta um *global player* não europeu (embora de influência europeia) com a expansão dos EUA para o Caribe e o Pacífico, nenhuma outra língua europeia (...) é acrescentada. Na atual quarta fase, há sinais de que uma língua não europeia, o mandarim, poderia ser globalizada pela primeira vez num futuro muito próximo. (Ette, 2022, p. 107).

Na segunda fase, Goethe criou o termo *Weltliteratur*, opondo-o ao de “literaturas nacionais”, caro aos Estados nacionais à caça de uma literatura para chamarem de sua. Essa ambiência histórica do termo é relembrada no segundo volume:

O próprio conceito de *Weltliteratur* é inconcebível sem a experiência da globalização, uma vez que o conceito de *Weltliteratur* é um daqueles compostos com a ideia de mundial que surgiram como reação à segunda fase da globalização acelerada. O conceito de *Weltliteratur* representa assim uma resposta aos desafios colocados pela emergência da literatura nacional, mas também pela explosão da globalização. (Ette, 2023, p. 294).

Retomado no capítulo 12, no exame da obra, do século XVI, de Inca Garcilaso de la Vega, o termo mostra sua força. O autor não o retoma para “compôr um único livro” (Ette, 2022, p. 15) a partir de diversos textos, criando coesão dos capítulos primeiro e segundo com o décimo segundo; recupera-o porque o livro compõe-se de uma única problemática: o “para além da *Weltliteratur*”.

A necessidade desse “para além”, percebeu-a outro romanista:

Auerbach deve ter sentido muito bem que o conceito da *Weltliteratur* de Goethe, concebida como uma resposta ao avanço das literaturas nacionais, mas também às mudanças fundamentais que acompanharam a segunda fase da globalização acelerada, já não era suficiente e que já não era capaz de fazer justiça aos movimentos de aceleração que associamos à terceira fase (...). É daqui que provêm as suas limitações, acima mencionadas, relativamente à “esfera cultural ocidental”. (Ette, 2022, p. 68).

Esta é uma das limitações: “O que se deve entender ‘por literatura ocidental’ já não pode ser determinado apenas a partir do ‘Ocidente’” (Ette, 2022, p. 67). Determinação mantida em duas “literaturas mundiais” escritas depois de *Mimesis* (1946) e *Filologia da Weltliteratur* (1952), de Auerbach. Aponta-a Ette nos trabalhos de Casanova, *Le République mondiale des Lettres* (1999), e Darmrosch, *What is the world literature?* (2003):

Apesar de todas as diferenças de abordagem e produção que separam os dois livros (...) ambos partilham a tendência de conceber a *Weltliteratur* como uma unidade e de a apreender numa cartografia contínua e ininterrupta, para a qual acreditam poder indicar meridianos de referência claros em cada caso. A *Weltliteratur* aparece como um fenômeno no singular, que se torna mapeável numa cartografia que, embora permeada por hierarquias claras, assimetrias distintas e estruturas de poder inconfundíveis, ao mesmo tempo ainda retrata um único espaço contínuo que não pode ser definido e adequadamente medido a partir dos centros dentro das devidas medidas. (Ette, 2022, p. 101).

Os “meridianos de referências” – símile que Ette toma de suas pesquisas sobre Humboldt, as quais lhe possibilitaram, páginas antes, mostrar quão pouco geográfica e muito geopolítica foi a escolha da cidade inglesa Greenwich para ser o meridiano zero – seriam as literaturas dos países de Casanova (França) e Damrosch (Estados Unidos). A *Weltliteratur* deles elevou a estatuto mundial o que é de um Estado nacional.

Um “nacional” que pode ser pensado em outras bases que não a da fixação em um espaço (o território) e sim a de movimentos, conforme vislumbra Ette em Ortiz em seu *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940). Ao lado de Auerbach e Humboldt, Ortiz constrói a moldura teórica em que se pode apreender a escrita de Ette em *Fractais*: Auerbach é romanista, fornecendo a matriz para se conceber uma *Weltliteratur* para além da ocidentalidade, e Humboldt é viajante e cientista multifacetado e aberto às várias lógicas, legando um modo de pensar nômade, isto é, sem morada fixa (termo importante ao pensamento de Ette) e uma ciência transdisciplinar (Ette, 2023, p. 149).

Essa transdisciplinaridade é destacada por Ette no Posfácio a *Kosmos*: “A cultura científica que Humboldt projeta não conhece ‘duas culturas’ e nem separação entre ‘Ciências da Natureza’ e ‘Ciências do Espírito’” (Humboldt, 2013, p. 907). Ortiz é antropólogo, que, mais que gestar a palavra “transculturalidade”, fez chegar a Ette um modo diverso de pensar as noções de território e nação, às quais se ligam as de “literatura nacional” e “identidade nacional”. Embora *Contrapunteo* não seja um ensaio sobre a cubanidade, ela desponta, por exemplo, neste comentário: “O tabaco se semeia a punho fechado, como em um simbólico gesto de comunista” (Ortiz, 2002, p. 663). Cubanidade reivindicada para o livro, no exame da falsificação, por estrangeiros, do tabaco de Havana, contra a qual se adotara um selo de garantia a acompanhar o legítimo: “Pois se estas páginas chegam às mãos de fumantes estrangeiros e amantes do bom tabaco, nos comprazemos em dar referência às condições legais do ‘selo de garantia’, que é a defesa segura dos puros tabacos de Havana” (Ortiz, 2002, p. 748).

Semente, tabaco, selo de garantia e livro são veículos da cubanidade: há um produto “puro”, “nacional”, ao qual se opõe o “falso”, o “estrangeiro”. Ela não se fixa em um território, ideia que inspira Ette:

O território não é constituído por uma geografia e topografia que é dada de uma vez por todas, mas emerge através de todas as travessias e migrações que passam por este espaço. E uma identidade nacional não é encenada como algo essencial, intrínseco, mas prova ser uma coexistência fundamentalmente precária das mais diversas culturas, as quais, estando nos mais diversos ‘palcos’, estão envolvidas num verdadeiro vórtice de transculturalidade. (Ette, 2022, p. 87).

A influência de Ortiz se mede melhor nesta crítica de Ette a Damrosch: “A vida de uma obra como parte da *Weltliteratur* está aqui ligada à circulação real fora do seu contexto original, e assim é empreendida uma territorialização que liga sempre uma obra a um lugar e a uma língua ou comunidade de origem” (Ette, 2022, p. 98). Aportado na Cuba do Ortiz antropólogo, o romanista de Potsdam avança na proposta do filólogo exilado em Istambul (Auerbach) e realiza uma filologia transareal e transdisciplinar como o nômade Humboldt: a filologia de Ette não é centradamente europeia, menos ainda alemã – é sem residência fixa, posto resultar de movimento e mover-se para apanhar as literaturas do mundo alijadas das repúblicas mundiais das letras, quer a francesa de Casanova, quer a americana de Damrosch.

Um nacional compreendido como movimento supera a recaída de Casanova e Darmrosch, que deixara ainda por ser feita uma *Weltliteratur* que acolha as literaturas do mundo desprendidas de uma territorialidade em função dos fluxos migratórios e das guerras fomentados pela atual fase da globalização ou redigidas em línguas não globais; que se abra a lógicas que não as meramente ocidentais. Um nacional assim concebido permite a Ette dar passos rumo a um “para além da *Weltliteratur*” e desfraldar uma filologia que se estenda sobre o diverso das literaturas do mundo. Nas palavras do autor: “O exemplo de Cuba, mas também o da Europa e de cada uma das suas nações em constante movimento, mostra claramente a urgência de abandonar o simples confronto entre nação e mundo, entre cultura nacional e cultura mundial, entre literatura nacional e *Weltliteratur*” (Ette, 2022, p. 89). A bipolaridade entre literatura nacional e *Weltliteratur* erigida por Goethe, ecoando feitos da segunda fase da globalização, “difícilmente pode ser transferida para as condições claramente mais complexas da quarta fase” (Ette, 2022, p. 103); nessa fase, desenvolvem-se literaturas as quais “não podem ser adequadamente compreendidas e pensadas em termos da oposição entre a *Weltliteratur* e a literatura nacional” (Ette, 2022, p. 103). Não podem porque não foram escritas em línguas globalizadas (espanhol, francês, inglês e português) e talvez não venham a ser traduzidas nelas. Tradutibilidade erguida por Darmrosch como critério para ingresso na *Weltliteratur*. São literaturas como as de Emine Özdamar, “no campo de tensão entre a Turquia e a Alemanha” (Ette, 2022, p. 110), e de Yoko Tawada, “no entrelaçamento entre Japão e Alemanha” (Ette, 2022, p. 110), como a “literatura escrita em alemão no Brasil” (Ette, 2022, p. 110).

Fractais, vocábulo que batiza o livro, expressa a compreensão de Ette do que deve ser uma filologia respeitosa das novas realidades suscitadas pelo atual estágio da globalização. Surge pela primeira vez no primeiro capítulo, quando é discutido o método de interpretação de Auerbach, o “figural”, cuja “fraqueza fundamental deve sempre a sua existência a uma forma fixa da qual deriva”. (Ette, 2022, p. 59). Forma fixa é sinônimo de “meridianos de referência”, um critério absoluto para se pensar literatura (um de viés europeu) e que, por isso mesmo, extradita do literário muito do que se vem fazendo de arte escrita no século XXI. De fixo, só a hipocrisia humana, afirma nosso Machado; nem mesmo o espaço de um território para se pensar a cubanidade, pondera Ette a partir de Ortiz. Aquela fraqueza da interpretação figural de Auerbach não existe na “interpretação fractal de Mandelbrot” (Ette, 2022, p. 59): o fractal dispensa formas fixas. Em outros momentos, o leitor encontrará novas indicações do que *Fractais* entende por fractais. O essencial ficou dito: mobilidade e não fixidez; realidade dinâmica e não estática; epistemologia polilógica e não unilógica. Sinônimo, portanto, de “arquipelágico”, conceito oposto ao de continental (ou contínuo), para referir-se às tradições narrativas coligadas por Auerbach na tradição ocidental. A contínua “alcança a totalidade do mundo enciclopédico, por assim dizer, através de adições incessantes” (Ette, 2022, p. 40); a arquipelágica faz esse mundo surgir “fractalmente”. (Ette, 2022, p. 40). Relacionado, ainda, ao de fractal, aparece o conceito de “contínuo” ou “continental em *EscreverEntreMundos*:

Está na hora de novamente relacionar as literaturas do mundo umas às outras à luz da quarta fase da globalização acelerada, colocá-las terminologicamente em movimento por meio da inclusão das literaturas sem morada fixa e, nisso, dar a máxima atenção às figuras de movimento dinâmicas, móveis no contexto de uma geometria fractal, descontinuada e quase pós-euclidiana das literaturas – que deverá ser esboçada nos capítulos seguintes deste livro. (Ette, 2018, p. 43).

Além desses “capítulos seguintes”, pode-se acompanhar essa filologia inclusiva movendo-se pelos 13 capítulos de *Fractais*, pelos quais Ette continua nos leitores brasileiros se fazendo conhecido.

REFERÊNCIAS

ETTE, Ottmar. *EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa*. Tradução de Rosani Umbach e Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: UFPR, 2018.

ETTE, Ottmar. *Fractais do mundo: Caminhos pelas Literaturas do Mundo*. Trad. Gerson Roberto Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt. Porto Alegre: Class, 2022/2023. [2 volumes]

HUMBOLDT, Alexander von. *Kosmos: Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. Berlin: Die Andere Bibliothek, 2013.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco e el azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002.